

Saudando José Murilo de Carvalho Martins

VINÍCIUS BARROS LEAL (*)

O espírito que anima hoje esta Casa de Cultura é o mesmo de onze décadas passadas, quando a quatro de março de 1887 foi fundada, sob a égide de um punhado de intelectuais que a conduziram, vencidas algumas vicissitudes, de início. Garante-lhe a longa existência o embasamento de seus alicerces, assentados nos méritos pessoais de seus idealizadores.

Avultam, entre os doze apóstolos da historiografia cearense, dois médicos: Guilherme Studart e José Sombra. O futuro Barão de Studart jamais deixou o fogo sagrado extinguir-se, na feliz expressão de Capistrano de Abreu. José Sombra, cedo atingido pela Parca traiçoeira, apenas ocupou a sua cadeira pelo espaço de um ano. Não teve tempo de expressar totalmente o engenho de seu talento. O Barão, sim, fixando os fatos de nossa História, pesquisou minuciosamente aqui e no estrangeiro, abriu caminhos aos estudiosos e prestou os melhores serviços ao Ceará e ao Brasil. Aquele edifício que Capistrano construiu teve, em muitas oportunidades, preparadas as suas bases por Studart, que indicou e aprontou o material, colocando-o ao alcance do Mestre da historiografia nacional.

Ao Barão de Studart, José Honório Rodrigues dedica páginas em suas obras, especialmente em *A Pesquisa Histórica no Brasil*. Aí o historiador ressalta o amor de nosso grande médico-pesquisador ao estudo da História regional, a vastidão de sua pesquisa, a sua capacidade de realização, incansável que era em recolher o maior número possível de documentos guardados nos arquivos portugueses, nacionais e em outros repositórios capacitados em atestar a autenticidade ou a veracidade de qualquer fato.

Vinte e cinco anos depois de instalado entrou no Instituto o terceiro médico, o Dr. Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes. Orador

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

fluente, intelectual de vasta cultura, teve destacada reputação na clínica e na Política, e na nossa Revista estampou alguns artigos com estudos sobre as secas e outros problemas regionais, com temas por ele defendidos eruditamente em seus discursos, no Parlamento Nacional.

Em 1915, recebemos aqui o Dr. José Lino da Justa, intelectual muito conceituado nos meios literários e científicos e bastante versado em assuntos gerais. É longa a lista de sua produção de artigos e discursos sobre coisas e fatos do Ceará. Somente treze anos após passamos a contar com o convívio do Dr. Carlos Studart Filho, erudito cultor da História do Ceará e do Nordeste, com devotado amor à pesquisa, tendo-nos presenteado com notáveis produções, em todos os ramos de nossos estudos. É relevante o rol de suas publicações de livros, teses, ensaios e de colaboração estampada na *Revista do Instituto do Ceará* e em muitos outros órgãos divulgadores especializados, brilhando o autor, especialmente, pela justeza de seus conceitos e precisão de informações, tanto na área da arqueologia como da etnologia e da historiografia propriamente dita.

A eleição do Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora deu-se no ano de 1944. Político militante, ocupou os mais importantes cargos e funções públicas, foi jornalista desassombrado, orador elegante, de linguagem apurada, argumentador persuasivo e, muito se ocupou, em nossa tribuna dos problemas das secas e da História Regional. Como bom conhecedor da psicologia do cearense, apresentou estudos caracterológicos de vultos de sua época e foi um benemérito da cultura cearense, no dizer dos que reverenciam a sua memória. Foi figura de projeção que nos legou bem representativa bibliografia atestante de sua trajetória social e política.

O Dr. Carlos Feijó da Costa Ribeiro, homem de ciência e de investigação, no dizer do saudoso confrade Raimundo Girão, encarnou o verdadeiro espírito de servir. Desde jovem médico dedicou-se à pesquisa científica no Instituto Pasteur, foi pioneiro dos Raios X no Ceará, Professor do ensino superior e, como afirmou um seu descendente, "tinha uma verdadeira fome de saber".

Muito contribuiu para a melhoria do estado sanitário do Ceará, divulgando a necessidade dos meios profiláticos.

Tal como o Dr. Carlos Ribeiro, o Dr. Josa Magalhães foi outro médico que atendeu o apelo estatutário de concorrer para o desenvolvimento das ciências, das letras e artes. Josa começou a sua vida intelectual com uma tese intitulada: *O sentido evolutivo da História* e logo depois publicou *Medicina Folclórica do Nordeste*. Durante os trinta e cinco anos de sua permanência no Instituto do Ceará nunca deixou de participar ativamente dos trabalhos da Casa, especialmente na área da Antropologia, estudando os nossos costumes, as nossas tradições e os aspectos regionais da nossa língua.

Em 1950 recebemos o Dr. Florival Seraine que, sempre devotado à sapiência, a par de sua cultura especializada, formou um cabedal de conhecimentos no campo da Antropologia. E assim muito tem contribuído para o desenvolvimento dos estudos referentes à tradição oral, nas suas múltiplas manifestações, notadamente no que se relaciona com o Folclore, as superstições, a linguagem popular e a Filosofia da linguagem. É neste campo que tem publicado trabalhos notáveis e freqüentado congressos nacionais e internacionais, pontificando neles, com a sua douda colaboração, diante dos mais distinguidos cultores da matéria.

Outro médico não menos brilhante foi o Dr. João Batista Saraiva Leão. Professor e um dos fundadores da nossa Faculdade de Medicina, que há mais de quarenta anos nos brindou com a sua presença. Era um devotado aos livros e assim acumulou conhecimentos em humanidades, no vernáculo e nas ciências. Deu muito de seu esforço aos interesses culturais do Instituto, demonstrou, nas palestras aqui proferidas em nossa tribuna profundos conhecimentos em Geografia Física e Humana do Nordeste e da Amazônia, e analisou inteligentemente aspectos peculiares de nossa problemática.

Três lustros decorreram até a posse do Dr. Oswaldo Riedel, que chegou já bem munido de um extenso currículo de variada atividade científico-literária nas áreas médica e de cultura geral. Riedel colaborou assiduamente na *Revista* com artigos sobre os ramos de nossa atividade, e muito maior número de colaboração

publicou em diversos órgãos especializados. Revolveu arquivos, pesquisou nos antigos jornais aspectos da escravidão e reuniu em livros muito material assim coletado, criteriosamente interpretado.

O décimo segundo médico chegado a este abrigo cultural foi este que ora se ocupa desta honrosa missão de receber mais um colega que se incorpora à ilustre grei. Habitado, desde os tempos acadêmicos, em Recife, a buscar dados e notícias de interesse de algumas associações e entidades dedicadas ao estudo e pesquisa dos conhecimentos nordestinos, teve sempre grande apreço ao documento. O encontro com um exemplar da obra de Borges da Fonseca, a *Nobiliarquia Pernambucana*, foi decisivo para a sua vocação de perquiridor das raízes familiares próprias e, conseqüentemente de seus ramos colaterais. Isto se tornou a origem desse interesse que culminou com a formação de um vasto documentário capaz de permitir-lhe ajudar muitas pessoas com os mesmos propósitos. Ao genealogista muito interessa a história social e política, e, também, a genética, ciência que hoje, bastante desenvolvida, muito tem contribuído para o melhor conhecimento do passado.

O Dr. José Borges de Sales é quem antecede a chegada do Dr. José Murilo Martins no Instituto. Possui um currículo reforçado, com inúmeros trabalhos historiográficos e de pura ciência, justificando plenamente a sua presença no meio que o elegeu, certo de estar concorrendo para o aprimoramento da instituição.

Hoje, o Dr. José Murilo de Carvalho Martins é recebido como o centésimo vigésimo primeiro sócio efetivo, e décimo quarto de sua profissão. Na sacra numerália greco-romana este número é significativo e de bom augúrio. O sete e seus múltiplos sempre desempenharam papel importante na História. Era o número sagrado para Pitágoras e é rico de simbolismo para os Cristãos. O novo consócio bem entende que a ciência é um meio de realização do homem, regulante de um projeto de progresso de grande valia, em que os seus cultores têm a visão dos fatos e, através deles, procuram explicar o Universo. É algo mais do que o conhecimento vulgar. É demonstrativo e expositivo, e, também, especificante. Tem métodos próprios e liga-se à História porque permite melhor comprovar certos acontecimentos. Presta importante servi-

ço interpretativo e cultural, sem confundir-se uma com a outra. Não se pretende afirmar que a ciência seja a solução de todos os problemas humanos, pois, para um maior alcance servem a Filosofia e a Teologia. A Ciência, postulando o rigor da análise, procura explicar como o fato realmente aconteceu, no dizer de Ranke. A História estuda o passado humano como preparação do presente e este, como antecipação do futuro, utilizando os meios ao seu alcance, onde se inclui uma extensa gama de conhecimentos e experiências.

O historiador, aplicando-se ao estudo analítico da existência do homem e das comunidades, no tempo e no espaço, tenta compreender e interpretar o passado, com esperança de empregar o resultado na preparação do advir. E tem todas as condições de bem conduzir-se, porque o homem é temporalidade, é facticidade, é memorialidade. É a síntese do passado, do presente e do futuro. É ser ativo e criador de valores econômicos, sociais e éticos, e habilitado até a recuperar o passado da espécie, se para isto aplicar-se à sobrenaturalidade da História, empenho, porém, do Teólogo e do Filósofo.

É justo esperar de um médico a sua integração no estudo da História, pois não se pode explicar a formação e a vida das sociedades e de seus elementos, sem o concurso de certas ciências basilares da formação destes profissionais. A Genética, a Fisiologia, a Psicologia, a Caracteriologia são ramos da Antropologia e de suas correlatas. Não no sentido que deu a este empenho Maquiavel, que teorizou o tema no contexto de seu pensamento, mas na mira de encontrar razões justificantes dos direitos e deveres das nações sobre o seu potencial humano, o seu chão nacional. A compreensão do comportamento das populações e individualidades, nas suas reações instintivas e coletivas, é própria do estudo da Psicologia e da interação corpo-mente. Em face de situações concretas o indivíduo deixa de ser estanque para responder com o ímpeto das multidões.

De maior alcance neste campo é o da Arqueologia Genética, que no Brasil tem seus grandes seguidores na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O professor Francisco Salzano conseguiu, em restos ósseos encontrados no solo gaúcho, relacionar os

seus achados com o povoamento daquele Estado, em suas diferentes fases. O estudo sistemático do DNA mitocondrial e o das células, nos Estados Unidos, já permitiu estabelecer a rota do povoamento daquele país, as diferentes raças responsáveis pelo acontecimento, e revelou dados referenciais sobre os grupos formadores e a época da sua entrada no Continente.

Resíduos arqueológicos de até onze mil anos têm possibilitado este avanço extraordinário da ciência e contribuído para o esclarecimento de segredos desde remotíssima época guardados.

Por outro lado, a História, como “Ciência do particular”, pode ajudar à Psicologia sem se tornar ciência histórica microscópica.

Na nossa época têm surgido novos ramos da Historiografia que de muito interessam ao médico. Não é só a dimensão sociológica, mas novas vivências tecnológicas que impelem o estudioso a procurar algo mais no tempo e no espaço. O factualismo pouco-a-pouco vem sendo desbancado em proveito da pesquisa persistente e ordenada. Estamos, na atualidade, bem armados de grande número de recursos científicos. Cria-se uma verdadeira rede de pesquisadores cheios de conhecimentos e que se articulam interdisciplinarmente em busca de soluções para velhos problemas de interpretação de fatos e de achados que merecem explicações. Reconstitui-se hoje o passado, solucionam-se proposições aparentemente enigmáticas e misteriosas, utilizando-se os meios laboratoriais, cibernéticos e da informática, para detectar os seus segredos e determinar a verdade histórica. O esperado momento, há tanto tempo retardado, pelas razões do atraso das instituições de pesquisa, chegou para um trabalho integrado, com aplicações na historiografia. Urge utilizá-lo e conseguir meios e colaboradores para este objetivo. Tivemos, em tempos anteriores muita deficiência de técnicas, de métodos, e, daí, a fraqueza da pesquisa histórica, sem condição de uma útil crítica dos documentos e dos fatos. Hoje, já podemos amar mais o passado pelo domínio que sabemos existir, nos centros adiantados, já capazes de entendê-lo como a chave da compreensão do presente.

Newton Gonçalves, o insigne colega que, por grande modéstia e certo temperamento recatado, deixou de fazer parte atuante de nosso Instituto, definiu, em *Prosa Dispersa*, “que o homem

é um animal perguntador, que desejando sempre o melhor, tem na voz da História o seu grande guia, tal como para a Medicina é o estudo clínico do homem". E é ainda Newton quem afirma: "o médico que conhece a História da Medicina, só por isso já está armado de uma boa cultura geral" e o profissional deve dedicar algum tempo ao conhecimento da História, especialmente para os fatos "que focam a nossa atenção sobre a dramática luta do homem com as forças e os acontecimentos que realmente mudaram o seu destino".

A medicina de hoje tem muito de planificação de novos padrões culturais de mais perfeita organização e de mais justos critérios de discernimento e competência, para que o seu cultor possa atuar na sua função com o sentido de melhorar a qualidade de vida. E tudo isto deve começar no próprio meio onde atua o profissional, para dar sentido ao que apregoa a nossa Universidade, instigada por seu criador e principal motor, o Professor Antônio Martins Filho, com a significativa proposição emblemática de *O Universal pelo Regional*. Não foi sem razão que Dostoiewski proferiu sua notável sentença: "Canta tua aldeia e cantarás o Mundo". E o que é decantado precisa primeiramente ser bem conhecido e divulgado.

O Instituto do Ceará, tem por objetivo, através do saber de seus membros, e com a utilização das armas empregadas pela historiografia, servindo-se também das ciências sociais, técnicas e interpretativas, fazer compreender o nosso Estado, o Nordeste e o Brasil nos seus mais variados aspectos. É tarefa que implica manter em nosso quadro social uma vanguarda intelectual capaz de conhecer, ajuizar e explicar os fenômenos políticos, administrativos ecológicos, ambientais e sociais, com o sentido de apurar-se a verdade dos fatos e os erros a evitar. Se existem deveres jurídicos, religiosos e sociais e regras respeitantes à direção dos serviços públicos, existe igualmente uma obrigação do estudo e preservação da Memória histórica. É esta a incumbência que nos toca participar, o nosso múnus, o que nos obriga a certos encargos em favor da coletividade e do bem social. É ação meritória este interesse de âmbito cultural. Há uma regra, haurida da experiência das relações humanas, que procura compensar os que merecem a grati-

dão e o reconhecimento pelo bem praticado. É de justiça premiar os que concorrem para este benefício.

Este, é o sentido da justiça da honraria que hoje concede o Instituto do Ceará, recebendo em seu quadro social o novo membro efetivo, o Professor Dr. José Murilo de Carvalho Martins, que sucede ao inesquecível ocupante desta cadeira, o jurista e escritor Fran Martins.

O mérito cria um dever moral a uma retribuição pelo valor da ação benfazeja, numa exigência de reconhecimento e apreço. O beneficiado é credor da homenagem, da laúrea, da honra e da mercê.

O Dr. Murilo Martins, médico e professor titular do ensino superior na Universidade Federal do Ceará, teve a sua formação intelectual iniciada em Caxias, Maranhão, sua pátria de nascimento; a secundária em Fortaleza, nos Colégios Cearense e Lourenço Filho, complementada no Colégio Andrews, no Rio de Janeiro e coroada no curso de graduação da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, em Dezembro de 1953. Profissional da saúde, entendeu logo a necessidade de aperfeiçoamento, procurando as melhores escolas médicas dos Estados Unidos para completar os seus conhecimentos na área de sua vocação, a Hematologia. Não deixou, no entanto, de procurar outros conhecimentos em áreas correlatas. Retornando a Fortaleza ingressou como Professor assistente de Clínica Médica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal, onde galgou todos os graus intermediários da carreira até alcançar a titularidade, por concurso, em 1967.

A par da atividade didática, onde se inclui o professorado na Universidade de Miami, desde cedo teve atuação na administração acadêmica e hospitalar, e na representação em diversos colegiados, chegando à Vice-Reitoria da Universidade, em 1995. Seu período administrativo no Centro de Hematologia foi notório pelo desenvolvimento de um programa que atingiu diversas localidades do interior cearense.

É longo o currículo do Professor Murilo nas atividades de ensino e extracurriculares, e, mais expressiva ainda, a lista de estudantes, hoje reconhecidos e competentes esculápios, que passaram por seus inúmeros cursos de formação na especialidade, e de

residentes e internos que estiveram sob a sua orientação em cursos de aperfeiçoamento, e como bolsistas.

Mede-se a categoria profissional no ensino superior por certos indicativos, como no caso, pela frequência dos convites para integrar bancas examinadoras de concursos para as diversas escalas da carreira. Pois, em nada menos de vinte e dois destes eventos esteve o Professor Murilo Martins presente, na mais diversificada relação de oportunidades de demonstrar as suas qualidades de crítico de trabalhos científicos apresentados em teses doutorais.

A par disso teve ocasião de fazer transparecer melhor os seus conhecimentos e aptidões, escrevendo e publicando livros nas áreas de sua atuação. Em 1960 lançou *English for the foreign physician*, em Springfield, Illinois, obra que já alcançou seis edições e que muito tem contribuído para uma mais rápida adaptação dos médicos brasileiros que procuram aperfeiçoamento nos centros de língua inglesa. Mais tarde, em 1990, biografou o nosso maior cardiologista, o Professor Antonio Jucá, em magnífico trabalho, em que ressaltou a personalidade excepcional do grande clínico cearense. Destaque-se, neste momento, a importância deste ramo da historiografia que faz refletir a evolução do ambiente social e cultural de uma época e o respectivo humanismo que emerge de semelhante estudo.

A biografia, em que se podem inserir as gestas épicas e a Hagiografia, com intenção pedagógica e política, também compõe a História, fazendo participar nas suas virtudes os que têm admiração por quem é fulcro da atenção. Os exemplos tornam-se verdadeiras lições de vida e de História. José Honório Rodrigues criou o neologismo "biografizar a História" com o sentido de ver nisso o espírito comemorativo e a exaltação dos valores da honra e da coragem.

O gênero se constitui na história recente ou antiga de pessoas e fatos que viveram o seu tempo com um sentido de perenizar os atos. É uma introdução à crônica, que fixa os acontecimentos para a história dos serviços e atividades do biografado em proveito do reconhecimento pela posteridade.

Também à Crônica e ao Conto aplicou-se o Professor Murilo Martins, dando-nos, em 1991, um livro intitulado *Medicina, meu*

amor. São narrativas de ocorrências em sua vida profissional, englobando fatos biográficos próprios e de contemporâneos, que não deixa de ser uma composição historiográfica de expressão cronística, de teor cultural.

Mais expressiva é a colaboração à literatura médica, com cinquenta e seis itens de artigos, nótulas, comentários, elucidações e reparos críticos. Dezenove monografias receberam a sua orientação. Em muitos destes trabalhos encontra a História como referencial, em busca da descoberta de novos horizontes para a aplicação de seu interesse científico. E é provável que esta aplicação venha a se tornar efetiva aqui no Instituto do Ceará e que se transforme numa síntese da exaustiva capacitação do Professor Murilo Martins no seu esforço captador de conhecimentos científicos.

Ficamos assim, com a chegada do Professor Murilo neste Instituto, fortalecidos e animados para, com mais eficácia, continuarmos a nossa árdua e dignificante tarefa.

Nobre colega Professor Murilo Martins: conhecemos muito bem vossa atividade intelectual, que não se firmou apenas no estudo e no ensino médico, mas que atingiu outras esferas do saber. É notória e valiosa vossa produção, estampada em revistas científicas e publicações, editoriais, em jornais e livros. Ressalta-nos aos olhos vossa atividade universitária, revelando um total empenho de servir ao bem comum. É por tudo isto que mereceis os melhores encômios, atestados na profusão de títulos do vosso curriculum vitae. Acresce ressaltar ainda o que todos os que vos cercam testemunham, o universal juízo de inteireza de vossa personalidade, de vossa honorabilidade, da vossa consciência íntegra e meticulosa e de vossa demonstração de amor à História e à causa pública, conceitos atestados no mais diversos ambientes de vossa convivência, tais como a Academia Cearense de Medicina e em tantos outros cenáculos onde se cultuam as ciências e artes humanísticas. Herdastes de vossos pais inteligência, amor ao estudo e ao trabalho, e a vossa própria maneira de ser. E isto muito nos sensibiliza por que bem conhecemos a fonte de vossos predicados.

Não desejo prolongar mais este momento, porém, antes de terminar minhas palavras de recepção, presto uma homenagem especial a uma pessoa que muito desejaria aqui estar presente.

Pressinto a sua alegria ao ver o filho dileto alvo desta honraria tão merecida. Às mães sempre foram erguidos altares, por saberem elas fazer ressoar os clarins jubilares no ensejo da realização das aspirações de seus filhos. Elas refletem o gáudio da coletividade familiar com o desejo íntimo de criar um liame entre o ideal e o real. Buscam com objetividade moldar o mundo restrito da estirpe com a força sutil de suas índoles ardentes. Não sonham, buscam mesmo. Era assim D. Maria, alma viva da família Carvalho Martins, sequiosa de harmonia, de amor e de conagração. Sentimos a ausência daquela que também é responsável por esta vossa vitória.

Confrade José Murilo de Carvalho Martins: entrai no nosso Instituto do Ceará e tomaí assento ao nosso lado, para, em comum esforço de ajuda e mútua colaboração, podermos alcançar aquelas metas que a constante porfia de todos os nossos antecessores sempre almejou fossem sempre perenes e contínuas, em prol da centenária casa de cultura do Ceará. Sede benvindo.

(Discurso proferido na sessão solene de 27/06/97)



Posse de Murilo Martins - 27/6/97